

# Matéria para Escavação Futura

Exposição

Carlos Gomes, Fernando Ramalho, Luísa Ferreira, Tânia Moreira David e Valter Vinagre

Curadoria: Ana Jara e Joana Braga

27 Abril - 22 Maio



Fotografia de Valter Vinagre.

**Matéria para Escavação Futura** é uma exposição que olha e interroga a cidade, como um gesto de escavação da matéria de que ela é feita, para revelar os diferentes estratos que nela se justapõem, as configurações menos visíveis dos seus traçados e assim desemaranhar as tensões que a atravessam. A exposição reúne artistas com diferentes percursos, linguagens e formas de expressão que, através da fotografia, da imagem em movimento, do som e da palavra, reflectem e reformulam a vivência do tempo e a espacialidade da cidade, questionando as lógicas de organização que a regulam.

**Matéria:** Partimos da matéria tangível da cidade, do território em que se implanta, das arquitecturas que a configuram, dos ritmos que a compõem, das relações que a tecem e das práticas e gestos quotidianos que a vão moldando.

**Escavar:** A memória «é o *medium* através do qual chegamos ao vivido, do mesmo modo que a terra é o *medium* no qual estão soterradas as cidades antigas», escreveu Walter Benjamin. O corpo inteiro se lança sobre o acto de escavar; não chega um bom plano, é necessário saber como escavar as camadas que não são imediatamente visíveis.

**Futuro:** Se a escavação der a ver no presente vestígios, revelam-se as tensões subterrâneas que as imagens da cidade nesta época neoliberal invisibilizam. E esta revelação abre hipóteses de futuro que, enraizadas no reconhecimento dessas matérias ocultadas,

libertam potências sociais e políticas e abrem imaginários de mudança.

**Matéria para Escavação Futura** é a proposta de um percurso expositivo por seis obras instalativas que ecoam lugares e práticas de cuidado mútuo na cidade atravessada pela pandemia, inscrevem espaços estranhos ao sistema urbano na imagem da cidade, escavam a transformação do limiar entre a cidade e o rio, recordam como a cidade é habitada por formas de vida sensíveis não humanas e nos incitam a experimentar a cidade de forma renovada, investindo todo os sentidos e prestando atenção aos detalhes que nos interrogam, para assim encontrarmos uma outra cidade.



Tânia Moreira Moreira David. Found Movement.

## Processo

As obras tiveram como mote um conjunto de micro-residências em que propusemos aos artistas a experimentação da caminhada como método exploratório e forma de pesquisa situada.

Levamos para o encontro três imagens conceptuais — «quinta-fachada», «cidade-imagem» e «limiar» —, imagens capazes de problematizar a experiência da cidade e iluminar as forças de polarização que a atravessam, propondo-as como ferramentas desta escavação conjunta. Os processos de criação continuaram desde então, tendo sido dada carta-branca aos artistas para desenvolverem as suas peças.

O processo iniciou-se em 2019, tendo o corte provocado pela pandemia — o acidente que levou a uma alteração do quotidiano, das relações e da vivência do espaço — implicado, como em tantos outros projectos, o adiamento prolongado desta exposição. Alguns processos de criação estenderam-se, incorporando as mudanças na experiência da cidade que a pandemia provocou.

## Caminhadas especulativas

No acto de caminhar abre-se uma temporalidade diferente ligada ao ritmo dos passos do caminhante, desligada dos tempos acelerados da vida contemporânea, da produtividade e do consumo, que possibilita a escuta e atenção à cidade. Neste outro espaço-tempo a experiência sensível é reconfigurada, convocando outros sentidos para além da visão. Caminhar intima o presente através da inter-relação entre o corpo do caminhante e o meio que o envolve. Propõe, assim, uma recriação da atenção e da percepção, o seu entrelaçamento nos detalhes do espaço da cidade que dão que pensar por não encaixarem nos conhecimentos e códigos já apreendidos.

A experiência corporizada da caminhada também convoca a interrogação arqueológica, permitindo desvelar indícios persistentes na matéria urbana de configurações, temporalidades e modos de vida erodidos, e a revelação de fracturas e tensões que a atravessam.

*Entre uma cor, um sabor, um toque, um odor, um ruído, um peso, haveria uma comunicação existencial que constituiria o momento “pathico” (não representativo) da sensação.*

*- Gilles Deleuze, Francis Bacon: Lógica da Sensação, 2011*

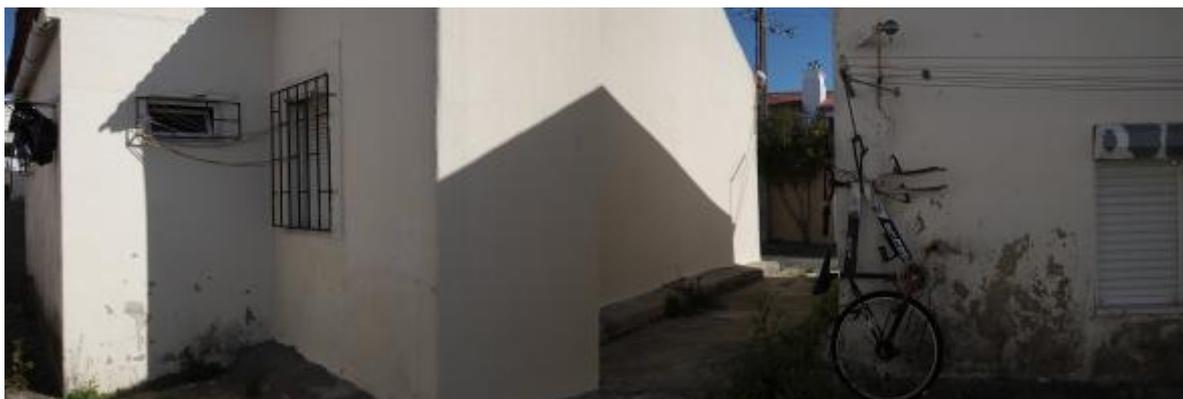


*Luísa Ferreira. Sem Prata*

## Imagens conceptuais

A «**Cidade Imagem**» propõe uma reflexão sobre o modo como as cidades são recorrentemente desenhadas e moldadas para se tornarem em imagens que representam os regimes políticos que as governam. Ao mesmo tempo incita a pensar sobre o modo como outros imaginários, diversos e conflituantes, mantêm sempre a capacidade de gerar imagens distintas, visíveis em pedaços específicos do tecido urbano, presentes nas memórias e na imaginação dos seus habitantes e em múltiplas práticas artísticas. Se durante o Estado Novo Lisboa foi convocada enquanto metrópole imperial, nos últimos anos a cidade tem reinventado uma imagem cosmopolita de si mesma, reconhecível e atractiva para o investimento global, com efeitos devastadores na vida dos seus habitantes.

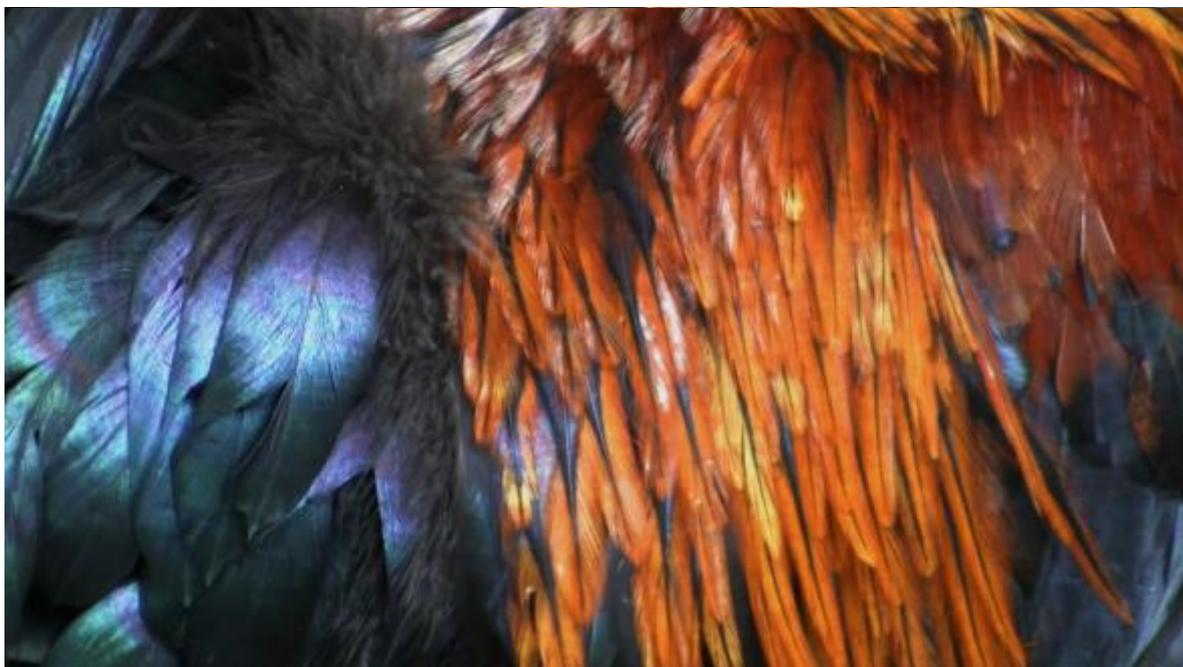
A exposição apresenta um conjunto de olhares sobre a cidade que se constitui como o avesso dessa imagem da cidade uniformizada e livre de conflitos, dando a ver camadas subterrâneas, lugares onde as tensões centelham, zonas de indecidibilidade, detalhes imprevisíveis, fragmentos da cidade estranhos ao sistema urbano regulado e à sua captura pela racionalidade neoliberal.



O «**Limiar**» é uma zona de dimensão variável que, simultaneamente, liga e separa mundos diferentes. Os limiares existem para ser atravessados, constituindo-se como zona de contacto entre o que é diferente. A sua presença é por vezes marcada por elementos materiais de corte (e ligação) como portões, muros e arcos, outras vezes apresenta-se à experiência como uma transição entre espaços e tempos com qualidades distintas. As cidades não se reduzem a conjuntos estabilizados de infra-estruturas e lugares de usos regulados, são uma rede descontínua de ritmos e espacialidades através das quais se insinua a presença do que é outro, expressa por meio de práticas distintas e, muitas vezes, conflituantes. A imagem do «limiar» leva-nos a observar as descontinuidades da cidade, a coexistência de diferentes usos e modos de ocupação do espaço e de vivências diferenciadas do tempo. Convida-nos a atender a formas distintas, mais orgânicas e menos visíveis, de fazer cidade, estrangeiras à organização dominante do tempo e do espaço.

A «**Quinta Fachada**», nome dado em arquitectura às superfícies e espaços das coberturas e terraços, propõe uma reflexão sobre este objecto paradoxal, exemplar das tensões e contradições que caracterizam a cidade. A sua invisibilidade na experiência quotidiana contrapõe-se ao papel privilegiado que adquire no urbanismo e na visão cartográfica, intensificada pela cartografia digital. Este olhar de pássaro foi crucial para os projectos de limpeza urbana, disciplina e controlo dos corpos que habitam a cidade, já que foi a possibilidade do olhar distanciado e nivelador do mapa a abrir caminho para os mesmos. Por outro lado, a fotografia aérea trouxe densidade e relevo às imagens produzidas a partir deste olhar, imprimindo-lhe uma outra complexidade. E não nos podemos esquecer da forma como a imagem produzida por Yuri Gagarin quando, do espaço, fotografou a Terra, mudou radicalmente a ideia que tínhamos do planeta que habitamos, devolvendo o nosso olhar, voltado nesse período para o espaço, à Terra.

Tomando o acto de caminhar, que implica a imersão no espaço, como princípio de uma pesquisa incorporada, propusemos o questionamento desta imagem conceptual. Dando atenção aos lugares que ocupamos, aos detalhes que só uma percepção corporizada possibilita, convocamos uma forma de olhar que age como o tacto e experimentamos formas de escutar e saborear a cidade.



Tânia David. Habitantes Still.

por [Ana Jara](#) e [Joana Braga](#)

[Vou lá visitar](#) | 26 Abril 2021 | [cidade](#), [dimensão](#), [espaço](#), [exposição](#), [fotografia](#), [memória](#), [tempo](#)

por ANA JARA e JOANA BRAGA

Arquitecta e investigadora em estudos urbanos. Co-fundadora do atelier Artéria, onde é responsável pela coordenação dos projetos curatoriais e de intervenção urbana, que trabalham as dimensões sociais, culturais e artísticas da arquitetura. Com a Artéria tem caminhado numa prática prospectiva, usando metodologias de investigação-acção num enquadramento interdisciplinar, para criar projectos e programas de intervenção urbana como ‘Avenida Intendente’ (2013) e ‘Lisbon Skyline Operation’ na representação portuguesa da Bienal de Arquitectura de Veneza 2014. Fez a co-curadoria para o ‘Satélite Nórdico’ da Trienal de Lisboa 2016, ‘The Power of Experiment – Formulate, Formalize, Perform’. Licenciada pela FA-UTL e mestre em Artes, pela Central Saint Martins College of Art and Design, Londres, doutoranda no ISCTE-IUL. Foi professora na Escola de Arquitectura de Umeå, na Suécia e no IADE. Desde 2018 é veradora na Câmara Municipal de Lisboa.

Joana Braga.

Arquitecta, investigadora e artista intermedial. Pesquisa cultura contemporânea, a experiência estética do espaço e as suas dimensões culturais, políticas e sociais através de práticas espaciais, curatoriais, visuais e performativas. Actualmente debruça-se sobre a caminhada como prática experimental para repensar criticamente a cidade e o espaço habitado. A sua actividade tem sido multifacetada, compreendendo a prática artística, a investigação, a curadoria, a escrita e a docência. Recentemente apresentou os percursos performativos *A Cada Passo, uma Constelação* e *Partituras para Ir*, co-produção do Teatro do Bairro Alto (2019); *Cartografia em Movimento* e *Pantera Cor-de-Rosa, casa-cidade para lá da utopia e da distopia*, co-produção do Teatro Maria Matos (2017); e a curta-metragem *Mapa Imaginário* (2017), em colaboração com Tânia Moreira David. Investigadora no DINAMIA’CET (ISCTE-IUL). É pós-graduada em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos (ISCTE-IUL) e em Arquitectura Bioclimática e Restauro Ambiental (FA-UL). Licenciou-se em Arquitectura (FA-UL).